

Ad ommium solatium et aedificationem.
Os Menológios na Companhia de Jesus: gênese, desenvolvimento e reforma

Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
PPG-História Unisinos
lmrodrigues@unisinos.br

Sumário

A palavra “Menolégio” pertence ao vocabulário da Igreja Oriental. Na sua origem, os Menológios eram as coleções de “ménaia” (mensais), ou coleções (uma por volume) que continham os ofícios das festas do rito bizantino. Estes Menológios diferiam dos Martirológios latinos quanto ao tamanho das referências: no primeiro embora fossem em menor número, eram mais desenvolvidas que as do segundo, mas em ambos os casos se destinavam ao culto litúrgico.

Os historiadores, influenciados por uma leitura positivista da história, nos sécs. XIX e XX, ao escolherem as crônicas como quase que únicas representantes da escritura histórica, praticamente excluíram outros textos, especialmente aqueles como as “vidas exemplares”, porque as consideravam carregadas de altas doses de relatos “prodigiosos” e, portanto, fictícios e não históricos. O presente artigo busca desenvolver a história da produção das coleções de biografias ou elogios fúnebres de personagens jesuítas considerados insígnies, seja pelas virtudes religiosas, seja pelo ardor apostólico e missionário, propostos como *exempla vitae*, apresentando-as como um gênero próprio da historiografia jesuítica.

1. Introdução

A palavra “Menolégio” pertence ao vocabulário da Igreja Oriental. Na sua origem, os Menológios eram as coleções de “ménaia” (mensais/ a hinoграфия se fazia nos 12 livros mensais (gr. *μεναια*) correspondentes), ou coleções (uma por volume) que continham os ofícios das festas do rito bizantino. Estes Menológios diferiam dos Martirológicos latinos quanto ao tamanho das referências: no primeiro embora fossem em menor número, eram mais desenvolvidas que as do segundo, mas em ambos os casos se destinavam ao culto litúrgico.

Os historiadores influenciados por uma leitura positivista da história, nos sécs. XIX e XX, ao escolherem as crônicas como quase que únicas representantes da escritura histórica, praticamente excluíram outros textos, especialmente aqueles como as “vidas

exemplares”, porque as consideravam carregadas de altas doses de relatos “prodigiosos” e, portanto, fictícios e não históricos.

O presente artigo busca desenvolver a história da produção das coleções de biografias ou elogios fúnebres de personagens jesuítas considerados insígnies, seja pelas virtudes religiosas, seja pelo ardor apostólico e missionário, propostos como *exempla vitae*, apresentando-as como um gênero próprio da historiografia jesuítica.

É difícil estabelecer com precisão a origem dos Menológicos na Companhia de Jesus. Sabe-se apenas que, desde os primeiros tempos, os padres gerais foram solicitados a recolher as chamadas “atas de virtudes” mais importantes sobre os jesuítas defuntos, para propor as suas vidas como exemplo ao corpo da Companhia.

A carta do geral Everardo Mercuriano¹ de 8 de janeiro de 1578 a todos os provinciais da Companhia tratava deste assunto. Nesta carta, Mercuriano pedia que os superiores provinciais se ocupassem deste piedoso dever, empenhando todos os jesuítas nesta colheita de informações. Na mesma missiva, o geral indicava alguns pontos sobre os quais se deveria fazer atenção: pedia que os superiores não se contentassem em dizer em geral que os jesuítas, sobre os quais se faria a biografia, tinham sido humildes, obedientes e dedicados à oração, mas desejava que os biógrafos descrevessem os fatos específicos, de tal forma, que se pudesse “fazer um monumento”, não apenas interessante, mas útil e digno de passar à posteridade².

Segundo o comentador mais adentrado nesta questão, o P. J. Terrien³, o “monumento” do qual se fala nesta carta do P. Mercuriano era a história oficial da

¹ Everard Lardinois, chamado *Mercuriano*, nasceu em Marcourt, um burgo rural na região de Rendeux, na província belga de Luxemburgo (Marcourt, 1514 – Roma, 1º agosto 1580). Jesuíta flamengo, sucedeu ao geral Francesco Borgia como Prepósito Geral da ordem. Governou de 1573 a 1580, sendo sucedido pelo P. Claudio Acquaviva.

² ARSI, *Ordinationes et Litterae Superiorum Generalium et Provincialium S.I.*, 1573-1706: Carta do Padre Geral Everardo Mercuriano a todos os Provinciais, Roma, 8 de janeiro de 1578. “*Neque ad rem facit dicere in communi aliquos vel humiles, vel obedientes, vel orationi deditos extitisse, sed in unoquoque virtutum genere velim narrari certa aliqua particularia quae ad is facta sunt, ut monumentum aliquod effici possit non solum jucundum, sed etiam utile ac memória dignum*”, apud Terrien, J., “Recherches historiques sur le Ménologe dans la Compagnie de Jésus”, in Élesban de Guilhermy, *Ménologe de la Compagnie de Jésus, appendice*. T. 14. Paris : Typ. M.-R. Leroy, 1904, p. 4.

³ Cf. Terrien, J., *Op. cit.*, p. 4. A documentação aqui usada foi em grande parte consultada durante os anos que passei recolhendo material no ARSI. Naquela época havia muita documentação cujas folhas ainda não estavam numeradas. O arquivista de então começava a numerar e reclassificar a documentação para a sua acomodação no novo pédio do arquivo da Companhia. Por esta razão, preferimos seguir as antigas indicações de J. Terrien.

Companhia, para a qual já naquela época se buscava coletar elementos úteis para a sua redação.

Em 1611, a Congregação dos Provinciais, reunida em Roma, pediu formalmente ao P. Geral Acquaviva⁴ que prescrevesse que as biografias dos jesuítas insignes fossem lida nas comunidades, no refeitório, na vigília do dia que recordava o aniversário da morte dos mártires e confessores da Companhia. Na sua resposta à Congregação, Acquaviva aprova a proposição dos congregados, uma vez que reputava útil fazer reviver a memória dos “beatos” padres e irmãos e, por isso, escreveu a todos os provinciais sobre este assunto⁵. No arquivo da Companhia, em Roma, não se encontra o exemplar desta carta do geral. Fica obscura a aplicação do termo “beatos” a “martyrum” e “confessorum”. A única certeza fica do próprio postulado da província romana: as especiais circunstâncias da morte destes padres e irmãos deveriam ser lembradas numa leitura feita no refeitório das comunidades na vigília do aniversário de suas mortes. A dificuldade nasce do fato que, em 1611, a Companhia ainda não tinha muitos jesuítas oficialmente beatificados. Na falta de qualquer outra explicação oficial por parte das cartas do geral, o termo parece ter sido entendido no seu sentido mais amplo, designando aqueles jesuítas que se tinham distinguido pela santidade de vida e que tinham sido mortos em situações de “testimonium fidei”, mesmo não sendo reconhecidos oficialmente pela Igreja.

De fato, alguns anos mais tarde, em 1619, começa a circular pelas residências da Companhia uma pequena coleção manuscrita intitulada: “Catalogo d’alcuni martiri ed altri uonini più illustri in santità della Compagnia di Gesù, da leggersi ciascum giorno dopo il martiriologio in refettorio”. Uma pequena anotação anexa explicava: “comminciato a leggersi in Roma nella casa professa a’ 31 di luglio dell’anno 1619”⁶.

Terrien, considera este catálogo como o primeiro Menológico da Companhia. Sem indicação de autor, o historiador jesuíta atribui ao P. Francesco Sacchini⁷ a autoria desta

⁴ Claudio Acquaviva de Aragão (Atri, 14 de setembro de 1543 – Roma, 31 janeiro de 1615), de nacionalidade italiana. A IV Congregação Geral, após a morte de Everard Mercuriano, o elegeu quinto Prepósito Geral da Companhia, aos 9 de fevereiro de 1581. Governou até a sua morte, em 1615.

⁵ ARSI, Acta Congr. Prov., 1611 et Resp. Gen. P. Acquaviva. Cf. Terrien, J., *Op. cit.*, p. 5.

⁶ *Idem, ibidem.*

⁷ Francesco Sacchini, historiador oficial para a História da Companhia na Itália. Nasceu aos 10 de novembro de 1570 (Paciano [Perusa], Itália) e morreu aos 16 de dezembro de 1625, em Roma. Em 1603, foi enviado à casa romana de Sant’Andrea para ajudar o historiador oficial da companhia P. Niccolò

coleção de biografias. Compreende apenas 52 biografias, com apenas 2 para o mês de janeiro, entre as quais a do P. Acquaviva falecido apenas 4 anos antes da composição do “catálogo”.

A sua difusão pelas demais casas da Companhia é rápida. De fato, a Revista Trimestral do Instituto do Ceará, publicada pelo Barão de Studart, publica um manuscrito em espanhol com o título de “Catalogo de Algunos Martyres, y otros varones insignes em santidad de la Compania de Jesus; el qual despues del Martirologio segun el ordem de los dias se lee em el Refitorio de la casa Professa de Roma”⁸. Neste catálogo espanhol, já se propunham as biografias de José de Anchieta e de Inácio de Azevedo e seus 39 companheiros mortos pelos huguenotes a caminho do Brasil.

Paralelo a estes escritos, começam a circular também coleções de biografias de jesuítas que se distinguiram pelas suas virtudes religiosas, os quais eram propostos como exemplo nas províncias. Isto origina uma dupla série de Menológios: aquele “oficial” da Companhia, com a aprovação explícita de Acquaviva e sob seu controle; e as demais coleções, de cunho mais privado, encorajado pelos superiores e pelos membros das congregações provinciais, por vezes, também pelos próprios gerais, mas sem caráter oficial.

2. Os Menológios oficiais

O Menolégio oficial é, em si mesmo, duplo:

1º - aquele “comum”, que compreende apenas as biografias oficiais aprovadas para toda a Companhia;

2º - aquele que compreende também outras informações além daquelas oficiais, mais próprias para cada uma das Assistências da Companhia ou para uma Província em particular; ambos, em todo caso, submetidos ao *placet* oficial do geral.

Orlandini, o qual, após morrer, sucedeu (1606-1619) no ofício. Foi secretario da Companhia por sete anos, até a sua morte. Retocou e publicou (1614) a primeira parte da história da Companhia, escrita por Orlandini, que abarcava de 1540 a 1556. E escreveu e publicou a segunda parte, que abarcava a história de 1556 a 1564. Tinha já preparada a terceira e quarta partes (1564-1572 e 1572-1580), que foram publicadas somente após a sua morte. Terrien fundamenta esta sua suposição a partir de uma anotação anexa a “Elogia addita a P. Alegambe”. Terrien, J., *Op. cit.*, p. 6, nota 4.

⁸ “Catalogo de Algunos Martyres, y otros varones insignes em santidad de la Compania de Jesus; el qual despues del Martirologio segun el ordem de los dias se lee em el Refitorio de la casa Professa de Roma”, in *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*, ano XVI (1902): 233-235.

2.1. O Menol6gio Oficial Comum a toda a Companhia

O primeiro Menol6gio oficial data, como j6 se viu acima, de 1619, composto com o *placet* do geral Acquaviva, atendendo a um *postulatum* da Prov6ncia Romana. As biografias que o comp6em s6o daqueles jesu6tas oficialmente declarados como beatos, santos ou m6rtires. Salvo pequenas modifica66es, encontra-se tal qual na sua reedi66o de 1901 e compreende apenas 52 nomes. A partir de 1619, rapidamente ser6o acrescentadas novas biografias. O aumento da cole66o original ter6 in6cio com um pedido formal das prov6ncias interessadas. O processo iniciava com as congrega66es provinciais trienais que emitiam um voto favor6vel 6 inclus6o da vida de um jesu6ta com incontest6veis virtudes religiosas ou comprovado mart6rio. Sua curta biografia, lida durante a Congrega66o, e por ela aprovada, era ent6o remetida ao Procurador que levava a Roma. O Geral e seus Assistentes examinavam a proposi66o e redigiam parecer. Se favor6vel, era inclu6da no Menol6gio Comum; se a reda66o da biografia necessitasse de modifica66es, era remetida 6 prov6ncia de origem para uma nova reda66o. Normalmente, a reda66o inicial era composta na prov6ncia que solicitava a sua inser66o no Cat6logo Comum. Tamb6m podia ocorrer que, durante uma Congrega66o Provincial, os membros congregados apenas apresentassem os nomes dos jesu6tas que desejavam patrocinar a inclus6o no cat6logo. Neste caso, n6o raro, o geral respondia: “Conficiatur elogium et mittatur Romam”⁹.

6 medida que a Companhia se espalha pelas miss6es na Am6rica, 6frica e 6sia, multiplicam-se os pedidos de inclus6o de novas biografias. Todavia, nas prov6ncias latinas, isto 6: Portugal, It6lia e Espanha, os pedidos de inclus6o de nomes de jesu6tas s6o mais freq6entes que no resto das prov6ncias da Companhia. Disto resultar6 uma disparidade na apresenta66o dos Menol6gios apresentados em cada prov6ncia.

Durante a Congrega66o Provincial da Prov6ncia da Fran6a, em 1642, os padres congregados aprovar6o um *postulatum*, pedindo que geral encarregue um jesu6ta para pesquisar em todas as prov6ncias francesas nomes de jesu6tas insignes, cujas biografias pudessem ser lidas, ap6s a costumeira leitura do martirol6gio¹⁰.

⁹ “Seja redigido (preparado, produzido) o elogio (f6nebre) e enviado 6 Roma”.

¹⁰ ARSI, Acta Congregationum Prov. 1642 et Resp. Generalium *apud* Terrien, J., *Op. cit.*, pp. 9-10.

O postulado, que reforçava pedido semelhante feito pela província de Lion naquele mesmo ano, teve total aprovação do Geral Muzio Vitelleschi¹¹, o qual já se manifestara favorável nas suas cartas aos provinciais. Assim, para reforçar a sua aprovação, encarregava o provincial da França de mandar fazer na sua província o levantamento das biografias e, uma vez redigidos os elogios fúnebres, que fossem enviados a Roma a fim de serem concordados com os votos das províncias. Igual processo foi seguido para as demais províncias que fizeram o mesmo pedido.

Aos 11 de abril de 1648, o sétimo geral da Companhia, P. Vicente Caraffa¹² escreveu uma carta circular a todos os provinciais. Depois de relembrar o uso que se começava a fazer dos Menológicos para a consolação e a edificação de todos os jesuítas, de fazer o elogio fúnebre daqueles que tinham morrido na Companhia e das ações julgadas dignas de serem celebradas publicamente nos refeitórios, o geral expressou o desejo de que aquela prática fosse observada. E, para que ninguém se lamentasse do esquecimento de algum nome, pedia oficialmente que os provinciais enviassem a Roma os respectivos catálogos com os nomes e as biografias resumidas daqueles jesuítas mortos com reputação de perfeição e santidade religiosa. Mas pedia também que se tivesse a máxima observação sobre tudo quanto fosse escrito a propósito destes jesuítas, afim que tudo fosse efetivamente bem fundado, de modo a não suscitar qualquer dúvida¹³.

Dezesseis anos mais tarde, apenas eleito o décimo primeiro geral, o genovês Giovanni Paolo Oliva¹⁴ reforçou o novamente o pedido de Caraffa, talvez porque nem todos os provinciais não tivessem respondido à carta de 1648. E encarrega os provinciais de procurarem com os seus consultores de província se não haveria algum jesuíta cujo nome pudesse ser anexado aos catálogos das outras províncias.

Assim, é a partir deste período que as congregações provinciais multiplicam os *postulata* para pedir a inserção de nomes no Menológico.

¹¹ Muzio Vitelleschi (Roma, 2 de dezembro de 1563 – Roma, 9 de fevereiro de 1645) foi o sexto geral da Companhia, sucedendo o P. Acquaviva. Foi eleito em 1615 e governou até a sua morte.

¹² Vicente Caraffa, napolitano, foi o sétimo geral da Companhia. Nasceu em Nápoles, em 5 de maio de 1585 e morreu em Roma, em 6 de junho de 1649.

¹³ Terrien, J., *Op. cit.*, p. 10.

¹⁴ Giovanni Paolo Oliva (4 de outubro de 1600, Genova – 26 de novembro de 1681, Roma), foi o décimo primeiro geral da Companhia, eleito em 1664.

Todavia, malgrado o cuidado com que se procurasse escrever os resumos, ainda assim constatavam-se inexactidões nas biografias destes jesuítas, que foram prontamente assinaladas pelas várias congregações provinciais e enviadas as correções (como foi o caso do P. Nicola Bobadilla¹⁵, em 1633).

Em 1681, a décima segunda Congregação Geral, na sua 20ª reunião, em 24 de julho, aprovou um postulado para que se corrigissem os erros e melhorassem a forma de como se escreviam os Menológios¹⁶. E como seria um trabalho muito longo, a Congregação determinava que o neo-eleito geral, P. Charles de Noyelle¹⁷, nomeasse algum dos padres residentes em Roma, o qual, no mais breve tempo possível, examinasse os erros de datas e de fatos que deveriam ser corrigidos. Apesar dos esforços do P. Noyelle, as províncias enviam notícias muito fragmentadas e incertas, e o trabalho de correção não apenas demorará mais do previsto, mas deverá ser mais uma vez interrompido.

O geral Tirso Gonzalez¹⁸ retomará o encargo. Com carta a todos os provinciais, datada de 6 de outubro de 1691, Tirso ordenará duas ações: 1. encarregará dois padres para receberem todos os Menológios em uso nas províncias e de assinalar os erros encontrados; 2. fazer uma lista, por ordem de meses e dias, dos padres e irmãos mais notáveis, para ser enviada à Roma aos dois padres encarregados. Terrien duvida que todas as províncias tenham respondido com diligência ao geral porque 40 anos depois uma nova revisão foi executada¹⁹.

De qualquer forma, em 1739, o Geral Frantisek Retz²⁰, com uma carta comum aos provinciais, de 1 de dezembro, voltou a insistir sobre os dois pontos do geral Gonzalez. A resposta dos provinciais foi total. Tanto que Terrien considera que o Menolégio de 1741²¹ foi o resultado desta carta de Retz. Neste Menolégio aparecem pela primeira vez certa de 150 notícias fúnebres, as quais serão anexadas muitas outras nos anos seguintes

¹⁵ Nicolas Bobadilla, um dos primeiros companheiros de Inácio de Loyola, co-fundador da Companhia, nasceu em Valência, Espanha, em 1511 e morreu em Loreto, Itália, em 1590.

¹⁶ ARSI, Acta Congr. Gen. XIIa., Actione 20a, *apud* Terrien, J., *Op. cit.*, p. 13.

¹⁷ Charles de Noyelle (Bruxelas, 28 de julho de 1615 – Roma, 12 de dezembro de 1686). Jesuíta belga, eleito Propósito Geral em 5 de julho de 1682.

¹⁸ Tirso Gonzalez, Santana (Espanha), décimo terceiro geral, governou de 1687 a 1705.

¹⁹ Terrien, J., *Op. cit.*, p. 15.

²⁰ Frantisek Retz, boêmio de Praga, foi geral de 1730 a 1755.

²¹ *Memoria del beato fine di alcuni Padri e Fratelli della Compagnia di Giesù, illustri per fama di santità*, 1741.

Finalmente, após a restauração da Companhia, em 1840, será feita uma segunda edição em Roma com o título de “Menologio ovvero pie memorie di alcuni religiosi della Compagnia di Gesu”²². Esta edição, quanto às biografias, é praticamente igual a de 1741, apenas com alguns acréscimos. Mas se distingue pela diferença de datas e pela redação dos elogios (alguns são bem mais abreviados).

É certo que os nomes inseridos nos Menolócios dos primeiros séculos da Companhia não elencavam todos os nomes que as províncias enviavam a Roma. Isto não quer dizer que os nomes não incluídos fossem descartados.

Consequentemente, ao Menolégio Oficial, comum a toda a Companhia, às Assistências e às Províncias, sob certas circunstâncias e com a aprovação explícita do geral, foi permitido incluir nomes de jesuítas para um uso mais restrito (ou privado) dentro de certos limites do território das províncias e que não tinham sido elencados no Menolégio comum. Desta forma, originam-se os Menolócios particulares, cujo conteúdo variava de província a província, ou de Assistência para Assistência.

2.2. Os Menolócios próprios de cada Assistência ou das Províncias

Em 1685, as províncias da França, Champanha e Aquitânia enviaram a Roma os elogios de jesuítas mortos com grande reputação de virtudes, pedindo ao Geral a sua inserção no Menolégio comum da Companhia. Naquela ocasião, o Geral Tirso achou por bem não aceitar a inserção destes nomes pura e simplesmente, mas por outro lado, não as desejava descartar. Na sua resposta de 27 de abril de 1688, Tirso confirma que os elogios fúnebres, revistos pelos Assistentes e examinados por ele e destinados às diferentes províncias da França, poderiam ser inseridos no Menolégio, na maneira indicada pela sua carta²³.

A mesma carta dispunha que os provinciais das províncias da França poderiam inserir a lista dos jesuítas nela indicados para serem lidos na província da França. Além

²² *Menologio ovvero pie memorie di alcuni religiosi della Compagnia di Gesu*. Roma: (Litografia del Coll. Romano), 1840. Esta é a segunda edição da publicação de 1741. Houve também uma terceira edição, imprimida em Veneza, em 1901.

²³ ARSI, Carta do P. Geral Tirso Gonzalez aos provinciais das províncias da França. Roma, 27 de abril de 1688 *apud* Terrien, J., *Op. cit.*, p. 19.

disto, o geral permitia que o provincial da França pudesse oferecer as outras províncias francesas alguns nomes de jesuítas, também indicados na mesma carta.

Igual indicação, de inserir no Menológico alguns elogios de jesuítas da sua província, recebeu o provincial da Aquitânia e que os podia oferecer aos demais provinciais franceses.

Três meses mais tarde, o geral Tirso voltará parcialmente atrás desta decisão e fará retirar do Menológico francês um dos nomes indicados (o do P. Jean-Joseph Surin)²⁴.

Este episódio mostra como os elogios aprovados e inseridos no Menológico de uma província, mediante autorização expressa do geral, podiam ser comunicados a outra província interessadas. Esta comunicação não necessariamente era feita somente entre as províncias da mesma Assistência; por vezes, também entre Assistências diferentes, como foi o caso do escolástico polonês Wenceslas Kolowrath, inserido no Menológico polonês (sua província de origem) e naquele romano (província na qual morreu).

Uma outra observação que se pode fazer a partir das *postulata* de inserção de elogios nos Menológicos é que estes pedidos não eram atendidos imediatamente. Há registro de casos em que as províncias os faziam insistentemente a cada Congregação²⁵.

Por outro lado, também se registraram pedidos de províncias para que o elogio fúnebre concedido a uma província ou a uma Assistência particular fosse estendido a toda a Companhia. Talvez o caso mais clássico fosse o do P. Claude de la Colombière²⁶ da província de Lion.

O que fica claro a partir destes casos é que cada Assistência, bem como cada província, podia ter seu próprio Menológico junto ao Menológico Comum, se aprovado pelo geral.

O último registro que se conservou de uma Congregação antes da supressão da Companhia foi a do ano de 1761. Neste tempo, a inteira Assistência de Portugal ou

²⁴ Jean-Joseph Surin (9 de fevereiro de 1600, Bordeaux — 21 de abril de 1665, Bordeaux) foi um padre jesuíta francês místico, pregador, escritor devocional e exorcista. ARSI, Registro da carta de 27 de julho 1688, Aquitânia. *Necrol. Prov. Franc. e Act. Congr. Prov. 1751-1755, apud Terrien, J., Op. cit.*, p. 21. O nome deste jesuíta foi reinserido nos Menológicos da Aquitânia e no Francês em 1756.

²⁵ Um exemplo foi o caso do polonês Iacobus Zapolski (morreu em Niemirow, aos 18 de outubro de 1702), cujos pedidos de inserção iniciaram em 1723. Cf. Fejér, Josephus, *Defuncti secundi saeculi Societatis Jesu, 1641-1740*. Vol. V/S-Z. IHSI/Cúria SJ: Romae, 1990, p. 356.

²⁶ Claude de la Colombière, (Grenoble, 2 de fevereiro de 1641 – Paray-le-Monial, 15 de fevereiro de 1682), foi um jesuíta escritor francês, superior da casa de Paray-le-Monial e diretor espiritual de Margherita Maria Alacoque, e grande propagador da devoção do Sagrado Coração de Jesus. Foi canonizado em 1992.

estava em exílio, ou em prisão. E as demais Assistências já se encontravam nas agitadas águas dos governos iluministas.

3. A modalidade da leitura do Menológico

O Menológico mais antigo ainda conservado no ARSI, o de 1619, indicava no próprio título que a leitura dos elogios deveria ser feita todos os dias no refeitório, depois do Martirológico. Ao título seguia uma nota explicativa: como em muitos outros lugares, após a leitura dos santos mártires, confessores e santas virgens, o leitor poderia continuar lendo sem interrupção, segundo o dia proposto, quanto se achava naquele livro²⁷.

Assim, o costume de se fazer a leitura dos elogios fúnebres do Menológico, depois da refeição, após aquela do Martirológico, foi uma prática comum na “primeira” Companhia. Sabe-se, todavia, que em 1628, a província de Toledo pediu formalmente a autorização ao geral para que esta leitura fosse feita não no final do almoço (*in fine coenae*), depois da leitura do Martirológico, mas depois da janta ou em outro momento. E o motivo era o de evitar que os adversários da Companhia alegassem que os jesuítas estavam beatificando por conta própria os seus membros, sem a devida autorização. Como resposta, o geral concedeu liberdade para que se lesse o Menológico na hora que fosse mais oportuna. Segundo o geral, ele não achava qualquer inconveniente em conservar o antigo costume, nem compreendia como alguém poderia encontrar uma recriminação numa prática devocional privada²⁸.

Oito anos mais tarde, em 1636, novamente a Congregação da província de Toledo, envia um *postulatum* ao geral pedindo que a hora desta leitura fosse unificada para todas as províncias, isto é, após a leitura do Martirológico. O que efetivamente será estendido à inteira Companhia²⁹. E mesmo depois que esta prática cessou na maioria das províncias, a província romana e algumas outras continuaram com esta modalidade de leitura do Menológico.

²⁷ “Il lettore, dopo quelle parole del martirologio, ad altrove di molti altri santi martire, confessori e sante virgine, soggiunga subito, secondo il giorno assegnato, quel che sta in questo libro”, *apud* Terrien, J., *Op. cit.*, p. 24 nota 1.

²⁸ ARSI, Acta Congr. Prov. Toletana et Resp. Prop. Gen., 1628, *apud* Terrien, J., *Op. cit.*, p. 25.

²⁹ *Idem, ibidem.*

A primeira mudança significativa ocorreu aos 4 de janeiro de 1662, quando o provincial da província romana, P. Fabio Albergati³⁰ escreveu uma carta circular para todos os superiores das casas romanas dando indicações de que a leitura dos elogios fúnebres dos jesuítas fosse feita depois daquela latina e, lá onde não houvesse leitura latina, depois daquela em língua vulgar³¹. Não se há notícia das razões que inspiraram esta ordem do provincial. Sabe-se que o mesmo apenas repassava à província um rescrito vindo do Vigário Geral, o P. Giovanni Paolo Oliva³². Um dos motivos, porém, poderia ter sido o de abreviar o tempo que os jesuítas deviam passar à mesa durante as refeições. As *ordenações comuns* da Província de Nápoles, aprovadas no tempo de vigário geral de Oliva, indicavam que as leituras não deveriam ser feitas no final, mas durante as leituras de mesa (normalmente, passos da sagrada escritura e/ou de autores latinos), afim que os jesuítas não ficassem no refeitório, uma vez terminadas as refeições. Há registros de outras províncias (como a do Reno Inferior) que, com o passar dos anos, fizeram pedidos semelhantes. Em parte por que os Menológios cresciam ao longo do tempo; ou porque também muitos dos elogios, de breves biografias iniciais, passaram ser longas relações (por vezes, com a leitura de mais de um no mesmo dia). O que invariavelmente podia provocar tédio, principalmente nos mais idosos durante o inverno. Mas também porque em muitas províncias tanto o Martirológio, quanto o Menológio eram lidos antes do final da janta, depois da leitura da sagrada escritura. Todavia, o geral disciplinou a prática da leitura dos elogios estabelecendo que se seguisse quanto já tinha sido indicado no *postulatum* e segundo o uso corrente das províncias, mas que a leitura do Martirológio continuasse sendo feita no final da refeição³³.

Desta forma, o costume romano se propagou paulatinamente por todas as províncias e, em 1723, tornou-se prática comum na Companhia.

³⁰ P. Fabio Albergati, morreu em 2 de maio de 1676, em Bolonha. Cf. Fejér, Josephus, *Defuncti secundi saeculi Societatis Jesu, 1641-1740*. Vol. I/A-C. IHSI/Cúria SJ: Romae, 1985, p. 15.

³¹ ARSI, Liber Ordinatus. Gen., 1623-1759, 1 de Janeiro de 1662 *apud* Terrien, J., *Op. cit.*, p. 26.

³² Giovanni Paolo Oliva (Gênova, 4 de outubro de 1600 – Roma, 26 de novembro de 1681), foi eleito Prepósito Geral em 31 de julho de 1664, governando até a sua morte.

³³ ARSI, Acta Congr. Prov. 1717-1723, *apud* Terrien, J., *Op. cit.*, p. 27.

4. O modo de se ler o Menológico

A maneira de serem lidos os elogios fúnebres dos jesuítas não foi igual por todas as partes. Em algumas províncias, o leitor fazia a leitura de pé, sem o barrete; em outros lugares, porém, lia sentado e com o barrete na cabeça. Esta divergência na modalidade de leitura registra-se desde os primeiros tempos de introdução do Menológico.

Em 1637, o procurador da província de Aragão, P. Martins Perez³⁴, enviou um memorial após a visita do visitador (P. Hemelman) ao geral, no qual dizia que a prática que se observava na sua província era aquele em que o leitor, depois de concluir a leitura do Martirológio, lia o elogio dos jesuítas ilustres em pé e sem barrete. E que o padre visitador ordenara que se seguisse o mesmo costuma em uso na sua província (Andaluzia), isto é, que o leitor, terminada a leitura do Martirológio, se sentasse e lesse, com o barrete na cabeça, todas as leituras do Menológico. Mas o procurador aragonês, recordando o costume romano (em especial, quanto era observado na própria casa professa do Gesù), pedia ao geral que deixasse a sua província continuar com a antiga observância, isto é, com a leitura em pé e com a cabeça descoberta.

O manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, cód. 4283, no seu título dava indicações do uso que se fazia nas províncias de língua portuguesa: “Catálogo de alguns mártires e outros varões ilustres da Companhia de Jesus, o qual depois da Sagrada Escritura à primeira mesa, e acabado o Martirológio à segunda, excepto se for grande, que então se lerá como à primeira, se lê na casa Professa de Roma”³⁵.

O P. Vitelleschi aprova o antigo costume da província aragonesa, ordenando, porém, “primeiro se lean los santos ordinários com la conclusion que pone el martirologio, y despues de diga: ‘Tambien se avisa’ ”³⁶.

A fórmula sugerida pelo geral (também se anuncia), ou qualquer outra parecida, passou a ser o preâmbulo ordinário para a leitura do Menológico, sendo usada até a supressão da Companhia. No grande Menológico de 1741 cada elogio começa com a

³⁴ Martins Perez, morreu em 4 de março de 1660, em Valência. Cf. Fejér, Josephus, *Defuncti secundi saeculi Societatis Jesu, 1641-1740*. Vol. IV/N-R. IHSI/Cúria SJ: Romae, 1989, p.106.

³⁵ BNL, Fud. Ger., cód. 4283, numa observação ao fol. 111r, no parágrafo “Praxe de ler à mesa”, há a seguinte observação: “ordinariamente se lê [o Menológico], em pé e descoberto, não por culto especial, mas por o lente não mudar postura”. Veja-se quanto foi dito mais acima no parágrafo do modo em que se liam os Menológicos nas províncias.

³⁶ ARSI, Acta Congr. Prov. et Resp. Prov. 1636 *apud* Terrien, J., *Op. cit.*, p. 29.

fórmula: “Se avvisa che nel giorno di domani”, ou com pequenas variações: “ Si avvisa che nel giorno che sarà domani”; “Si avvisa che domani è l’anniversario del P...” etc. No Menológico em português, a fórmula será: “Avisase que hoje / a manhã”³⁷. Cada província adotará forma mais ou menos semelhantes, mas com igual conteúdo. Na Espanha, por exemplo, na vigília do dia de aniversário da morte do jesuíta indicado no Menológico, o leitor deveria se levantar e, depois de ter terminado a leitura do texto bíblico, deveria solenemente anunciar que no dia seguinte era do dia da morte do P...

Mas como sempre acontece ao longo da história da Companhia, o costume de ficar em pé e com a cabeça descoberta do barrete não é observado igualmente por todas as províncias. O próprio Vigário Geral Oliva, na sua carta de 1662 (com a qual suprimia o costume romano de se ler o Menológico no final da refeição), prescrevia que a leitura fosse feita com o leitor sentado e com o barrete³⁸. Esta prática foi seguida por várias outras províncias (como a da Alemanha Superior). Apesar de registros confirmarem pedidos de unificação no modo de ler, a prática continuará a variar segundo as províncias.

5. Os Menológicos extra-oficiais

Estes Menológicos podem ser classificados em duas categorias, segundo a maior ou menor abrangência de influência na Companhia: os Menológicos extra-oficiais para toda a Companhia e os Menológicos extra-oficiais somente para uma Assistência ou para uma Província.

5.1. Os Menológicos extra-oficiais para toda a Companhia

Pensa-se que a origem destes Menológicos seja mais ou menos contemporânea aos Menológicos oficiais. Três anos depois de se iniciar a prática da leitura na Casa Professa do Gesù em Roma (1622) do *Catálogo* do P. Sacchini, o P. Jacques Van der Straten, da Província de Flandres-Bélgica, apresentou ao geral Vitelleschi, através do P. Jacques Tirinus, superior da casa professa de Anvers, um manuscrito que deseja

³⁷ ARSI, Bras. 14, ff. 111r.

³⁸ ARSI, Liber Ordin. Gener., 1623-1759, 1 de Janeiro de 1662 *apud* Terrien, J., *Op. cit.*, p. 30.

publicar em três volumes com o título: “Menologium morale cum Kalendario. Vitae item breviores Patrum ac Fratrum Societatis Jesu qui in ea vel sancte vixerunt, vel certe cum laude dormitionem acceperunt”³⁹.

A resposta do P. Vitelleschi (de 17 de dezembro de 1622) dizia que o manuscrito se encontrava nas mãos dos revisores e, se aprovado, lhe daria o *imprimatur*. E que ele não era contrário a sua publicação se não surgissem outras dificuldades. Mas o manuscrito não foi publicado.

Alguns anos mais tarde, outro manuscrito, que também não foi publicado, foi composto sobre a mesma matéria: “Elogia virorum e Societatis Jesu qui in Gallia, Germânia, Hispania, Lusitânia, Indiis et Itália floruerunt”⁴⁰.

Observa-se que a partir deste manuscrito, os elogios e as biografias fúnebres foram classificados por Assistências. Por exemplo: a França contava com 105 biografias; a Alemanha com 254; a Espanha com 152; Portugal com 113; a Índia com 101; e a Itália com 131.

O manuscrito é anônimo e sem data. Todavia, Terrien (apoiado no trabalho do P. Nadasi⁴¹) pensa que se possa atribuir a autoria ao P. Philippe Alegambe⁴², e fixar a data de 1634 ou 1635.

Um dado interessante é que o autor dos “Elogia Virorum illustrium” termina o seu manuscrito com a última biografia do ano de 1634, ou seja, trinta e um anos antes da aparecimento do manuscrito do P. Nadasi.

Mais ou menos no mesmo tempo, 1633, o procurador da província de Toledo em Roma pediu ao geral que mandasse escrever uma história dos homens ilustres da Companhia. O P. Vitelleschi aceita que se faça o trabalho e pediu, uma vez terminada a

³⁹ Segundo o historiador Terrien, o manuscrito 50 se encontra no acervo da Biblioteca Nazionale Centrale di Roma, Vittorio Emanuele II. Cada volume tem aproximadamente 400 págs. e abarca um período de 4 meses; depois de cada mês, tem um índice, um necrológio e outro índice alfabético. Ver Terrien, J., *Op. cit.*, pp. 31ss.

⁴⁰ Este título foi anotado pelo P. Giuseppe Boero. Não se há a certeza de que seja o título original. Giuseppe Boero, nasceu aos 15 de agosto de 1814, em Isolabona (Imperia/Itália) e morreu aos 8 de fevereiro de 1884, em Roma. Foi jesuíta historiador, hagiógrafo, escritor.

⁴¹ Nadasi, Janos, *Annus dierum memorabilium Societatis Iesu. Siue Commentarius quotidianae virtutis, notabilem vnius, vel plurium in Societate vita functorum, virtute quapiam insigniumm*. Antuerpiae: Meurs, Jacob van, 1665. Nádasi János, teólogo jesuíta húngaro, nasceu em Nagyszombat, em 1614, e morreu em Bécs, em março de 1679.

⁴² Alegambe também é o autor de “Heroes et victimae charitatis”.

redação, se lhe enviasse uma cópia para ser examinada e aprovada⁴³. No mesmo ano, a província de Castilla também formulou um *postulatum* análogo. O postulado entregue ao geral descrevia como alguns padres dos mais graves do colégio de Valladolid tinham pretendido que se lesse no refeitório um *Compendium* manuscrito sobre a vida de mais de 500 jesuítas ilustres da Companhia. E, visto o grande fruto daquela leitura, pediam que o geral mandasse redigir um *Compendium* geral de todos os jesuítas ilustres, recolhendo em todas as províncias, de forma mais sumária, as vidas destes religiosos, para serem enviadas para quem o geral determinasse, a fim de ordená-las por dias.

Em 24 de fevereiro de 1634, o geral responde aos padres castelhanos que acolhia favoravelmente o *postulatum*. Já escrevera novamente ao provincial para que desse execução ao recolhimento destas notícias. Também avisava que escrevera em propósito um segundo aviso aos demais provinciais⁴⁴.

Muito provavelmente, esta foi a origem da coleção de “Varones ilustres em santidad, letras y zelo de las almas de la Compañía de Iesus”, publicada 16 anos antes da carta do P. Vitelleschi, por Juan Eusebio Nierember y Otin, que publicou os quatro primeiros volumes “Vidas Ejemplares y Venerables Memorias de algunos Claros Varones de la Compañía de Jesús” (e continuada após a sua morte, em 1658, por Alos de Andrade, com os “Varones ilustres en santidad, letras y celo de las almas de la Compañía de Jesús”, entre 1666 e 1667)⁴⁵.

Mais tarde, quando o geral Tirso Gonzalez continuar com a obra começada, numa carta circular de 15 de agosto de 1693⁴⁶, o geral pedirá que os provinciais de toda a Companhia se empenhem em coletar documentos e envia-los aos continuadores dos padres Nieremberg e Andrade, os padres Barthélemy Alcazar e José Cassini (que

⁴³ *Memoriale del Procurador de la Provincia de Toledo e resposta*. ARSI, Acta Congreg. Prov., 1633 *apud* Terrien, J., *Op. cit.*, p. 33.

⁴⁴ ARSI, Acta Congr. Prov. et Resp. Prov. 1633 *apud* Terrien, J., *Op. cit.*, p. 34.

⁴⁵ Nieremberg y Otin, Juan Eusebio – Andrade, Alonso de, *Varones ilustres en santidad, letras y zelo de las almas de la Compañía de Jesús*. 6 toms., Madrid: por Ioseph Fernandez de Buendia, 1644-1667. Mas já em 1643, Nieremberg tinha publicado as *Ideas de virtud em algunos claros varones de la Compañía de Iesu...* Madrid: por Maria de Quiñones, 1643. Juan Eusebio Nieremberg y Otin (Madri, 9 de setembro de 1595 – Madri, 7 de abril de 1658), jesuíta humanista, físico, biógrafo, teólogo e escritor ascético espanhol.

⁴⁶ Para o texto desta carta do P. Tirso, consulte-se Terrien, J., *Op. cit.*, p. 35.

publicará 3 volumes das “Glorias del Segundo Siglo de la Compañía de Jesús...”, publicados entre 1734 y 1736⁴⁷).

Em Veneza, o Giuseppe Antonio Patrignani publicou quase na mesma época uma coleção de notícias que abrangia os anos 1538 a 1728, com os nomes mais importantes de todas as províncias⁴⁸.

Giuseppe Boero⁴⁹ começou a revisão, reedição e ampliação do Menológico de Patrignani, porém só publicou dois volumes em 1859, os meses de janeiro e fevereiro.

O Menológico do P. Bernardo Monzón⁵⁰ abrangia um período de 120 anos, desde a fundação da Companhia até 1659⁵¹. Há ainda um outro Menológico em língua espanhola, sem autor e sem data, provavelmente por muito tempo usado nas províncias espanholas, especialmente na de Castilla⁵².

Registra-se ainda o Menológico em português usado na província do Brasil com 325 biografias⁵³.

Finalmente, cita-se a publicação do P. J. Drews, “Fasti Societatis Jesu”⁵⁴, que colecionou breves biografias de jesuítas ilustres, organizados por datas, meses e dias.

Após a restauração da Companhia, a partir de 1844, serão publicados outros Menológicos destinados à Companhia universal⁵⁵.

⁴⁷ Casani, José, *Glorias del Segundo Siglo de la Compañía de Jesús, dibujadas en las Vidas, y Elogios de algunos de sus Varones Ilustres en virtud, letras, y celo de las almas, que han florecido desde el año 1640, primero del segundo siglo, después de la Religión*. 2 vols. Madrid : Manuel Fernandez, 1734-1763.

⁴⁸ Patrignani, Giuseppe Antonio, *Menologio di pie memorie d'alcuni Religiosi della Compagnia di Gesù*, 3 toms., Venezia: presso N. Pezzana, 1730. Mas já em 1720, publicara a *Vite d'alcuni nobili convittori Stati, e morti nel Seminario Romano, segnalati in bonta...* Napoli : [s.n.], 1720.

⁴⁹ Veja-se a nota 40.

⁵⁰ Bernardo Monzón foi Professor, predicador e literato. Nasceu em 25 de agosto de 1600, em Madri, e morreu aos 14 de setembro de 1682, em Madri.

⁵¹ “Menologio de ilustres por todo el orbe y famosos hijos de San Ignacio, Patriarca y Fundador de la Compañía de Jesús em 120 años, desde su fundacion hasta el presente de 1659”. O manuscrito está no ARSI.

⁵² “Catálogo de algunos martires y otros varones insignes en santidad de la Compañía de Jesús, así de los que N. P. general aprobó y mandó leer sus elogios, como de otros, que se han añadido con orden del P. Provinzial”. Este manuscrito também está no ARSI.

⁵³ ARSI, Bras. 13 e 14: *Menologio dos Varoens Ilustres da Companhia de Jesu. Vol. 1, que comprehende os mezes de Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho. Pertence à Prov. do Brazil e Menologio dos Varoens Ilustres da Companhia de Jesu. Vol. 2, que comprehende os mezes de Julho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro. Pertence à Prov. do Brazil*.

⁵⁴ Joannis Drews, *Fasti Societatis Jesu: res & personas memorabiles ejusdem Societatis per singulos anni dies repraesentates / opera & studio Reverendi P. Joannis Drews*. 2 vols. Operis posthumi. Pragae : Typis Universitatis Carolo, 1740.

5.2. Os Menolégios extra-oficiais particulares para uma Assistência ou para uma Província

O primeiro Menolégio desta categoria que se conhece data do ano de 1630, imprimido em Sevilla em 1633, intitulado: “Catálogo de algunos Varones insignes em santidad de la Provincia del Perú de La Compañía de Jesus, hecho por orden de la Congregacion provincial que se celebró en el colégio de San Pablo de Lima...”⁵⁶. Este Menolégio recolhe apenas 26 biografias, dos quais 19 nomes foram inseridos no Menolégio universal da Companhia.

Nesta mesma data, a província do Peru solicitou autorização para imprimir mais dois outros volumes, de autoria do P. Agnello Oliva⁵⁷, sobre jesuítas ilustres do Peru. O geral pediu que os manuscritos fossem remetidos a Roma para serem examinados, deixando a aprovação em suspenso. Eles não foram impressos.

Ainda neste mesmo ano de 1633, a província da Andaluzia pediu a aprovação do geral para um seu Menolégio particular. Não se tem certeza do autor, mas Terrien⁵⁸ identifica Sanctibañez⁵⁹ como do manuscrito do ARSI, “Varones ilustres de la Provincia de Andalucia de la Compañía de Jesus que han florecido desde el año de 1552 hasta el de 1650”. Este manuscrito abrange 300 elogios, ou 3 séries de 100 biografias. Há ainda uma quarta centena incompleta, com apenas 84 rascunhos de biografias, sem ordem alfabética ou cronológica; mas há um índice apenas para o primeiro grupo de 100 elogios, organizados por meses, indicando para cada nome a data do dia e o ano e reenviando ao número da centena onde pode ser consultada a biografia.

Em 8 de dezembro de 1636, o padre Michel Torbavi, da província de Aragão, termina o “Menolégio de los religiosos mas ilustres de la Compañía de Jesus em la

⁵⁵ Carlos Sommervogel (Strasburgo, 8 de janeiro de 1834 – Paris, 4 de março de 1902). Veja-se os Menolégios citados na , *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*. Por Augustin de Backer, Aloys de Backer, co-autor Auguste Carayon, Carlos Sommervogel, ed. lit. Pierre Biliard, Ernest Marie Rivière. 12 vols., Bruxelles-Paris: Oscar Schepens-Alphonse Picard, 1890-1932.

⁵⁶ *Catálogo de algunos Varones insignes em santidad de la Provincia del Perú de La Compañía de Jesus, hecho por orden de la Congregacion provincial que se celebró en el colégio de San Pablo de Lima...*, Sevilla: Francisco de Lyra Barreto, 1633.

⁵⁷ Agnello Oliva foi missionário no Peru e historiador. Nasceu em Nápoles, em 1574, e morreu em Lima, Peru, aos 5 de fevereiro de 1642.

⁵⁸ Terrien, J., *Op. cit.*, p. 39.

⁵⁹ Ioannes de Sanctibañez morreu em Granada, Espanha, em 29 de dezembro de 1650. Fejér, Josephus, *Defuncti secundi saeculi Societatis Jesu, 1641-1740*. Vol. V/S-Z. IHSI/Cúria SJ: Romae, 1990, p. 29.

Província de Aragon”. No prefácio, Torbavi indica que o manuscrito foi composto no noviciado de Tarragona; expõem o objetivo e as razões que o levaram a estender mais ou menos as biografias, o cuidado com que conferiu as cronologias e o porquê da escolha do nome Menológico, ao qual preferiria ter dado o título de Martirológico. Infelizmente, o manuscrito parecer estar incompleto, pois compreende apenas até o mês de abril não terminado.

O P. Luis de Valdivia⁶⁰, da província de Castilla, alguns anos depois, em 5 de novembro de 1644, compôs uma). "Historia de la Provincia de Castilla de la Compañía de Jesús". Existem apenas 3 vols. da sua História, todos dedicados à biografias de jesuítas ilustres da província. Estes estão divididos em 4 classes, cada uma dela formando um livro: 1. os que perderam a vida pela fé ou pelo exercício da caridade; 2. os pregadores e homens apostólicos; 3. professores, jesuítas com fama de santidade e os aplicados à cura espiritual; 4. os escolásticos e os irmãos coadjutores com virtudes e perfeição insignes.

A província da França também tinha o seu Menológico particular. Este era de autoria do P. Nicolas Bailly⁶¹ intitulado: “De Gallis Societatis Jesu in Gallia ed extra Galliam doctrina et virtute illustribus”.

Como mais acima foi dito, em 1642, a província francesa, constatando o pouco número de jesuítas franceses inseridos do Menológico Oficial da Companhia tinham pedido ao geral Vitelleschi que ordenasse o início de uma coleta de biografias. A resposta do geral tinha sido que ele encarregara o provincial de ordenar o trabalho, cuja execução demorou demais. Em 1649, a Congregação Provincial da França, piando-se no *postulatum* precedente pediu ao provincial que encarregasse um padre para esta tarefa. Terrien pensa que o jesuíta encarregado de coletar e escrever as biografias poderia ter sido o padre Bailly⁶².

Por fim, em 3 de março de 1732, o P. António Franco publica o seu “Imagem da Virtude...” e os “Annus Gloriosus Societatis Jesu in Lusitania”⁶³. Os *Annus* são um

⁶⁰ Luis de Valdivia foi Missionário no Chile. Nasceu em 1561, em Granada (Espanha) e morreu em 5 de novembro de 1642, em Valladolid (Espanha). Existe ainda no ARSI um outro seu manuscrito: “Vidas de algunos Varones ilustres de la Provincia de Castilla escritas por el P. Luis de Valdivia”.

⁶¹ Nicolaus Bailly morreu em Caen (França) aos 28 de outubro de 1657. Fejér, Josephus, *Defuncti secundi saeculi Societatis Jesu, 1641-1740*. Vol. I/A-C. IHSI/Cúria SJ: Romae, 1985, p. 73.

⁶² Terrien, J., *Op. cit.*, p. 42.

⁶³ António Franco, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus*

verdadeiro Menológico, no qual Franco propõe em forma de cronologia diária a “imagem” daqueles jesuítas que se assinalaram ao darem a vida pela fé cristã, pela caridade e pela extrema perfeição das virtudes religiosas, de tal modo que pudessem ser propostos como modelos exemplares aos que quisessem seguir a mesma vocação na Companhia.

Francisco Rodrigues assinala que Franco se serviu das coleções de biografias deixadas por Nadasi e Manuel Monteiro⁶⁴, antigo provincial português. Assim, de 15 de abril a 19 de outubro de 1715, Franco acabou o *Ano Santo*. E, em 1718, a obra recebia o título de Menológico, depois da revisão oficial e da devida autorização do provincial António de Sousa. Em 1721, o Paço aprovou a obra para a publicação em todo o reino. E, enquanto a obra não era publicada, Franco a traduziu para o italiana, visando divulgá-la por toda a Companhia. Finalmente, em 1720, o *Ano Santo* foi impresso em Viena⁶⁵.

A província do México também teve o seu Menológico, do qual se fizeram duas edições; a primeira (do P. Francisco de Florência), em 1671, e a segunda (do P. Antonio de Oviedo), aumentada de 91 biografias, em 1747⁶⁶. A província de Castilla publicou o seu com o título de “Menológico de Villagracia”⁶⁷ e a província lituana também publicou um de autoria do P. Janos Poszakowski.

6. Conclusão

de Coimbra em Portugal, II tomos, Evora: no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus: Officina da Universidade, 1718-1719; *Idem, Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesu na Corte de Lisboa*. 2 vols., Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu. 1718. *Idem, Synopsis annalium Societatis Jesu in Lusitania, ab anno 1540 usque ad annum 1725*. Augustae-Vindelicorum et Graecii; sumptibus Philoppi, Martini & Joannis Veith, Haeredum, 1726; *Idem, Annus Gloriosus Societatis Jesu in Lusitania*. Viennae, 1720. Foi historiador da Companhia, nasceu aos 2 de fevereiro de 1662, em Montalvão (Portugal), e morreu aos 3 de março de 1732, em Évora (Portugal).

⁶⁴ Manuel Monteiro, *Elogia virorum illustrium Societatis Jesu in lusitana ditone per anni dies, sed non excusa*. Cf. *Synopsis annalium Societatis Jesu in Lusitania, ab anno 1540 usque ad annum 1725*. Augustae-Vindelicorum et Graecii; sumptibus Philoppi, Martini & Joannis Veith, Haeredum, 1726, c. 9 § 5.

⁶⁵ António Franco, *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*. Pref. e anot. Francisco Rodrigues. Pôrto: Apostolado da Imprensa, 1930.

⁶⁶ “Menologio de los Varones mas señalados em perfeccion religiosa de la Provincia de la Compañía de Jesus de Nueva-españa, escrito por el P. Francisco de Florencia y aprobado por el N.M.R.P. Juan Paulo Oliva”.

⁶⁷ “Elogia Virorum illustrium spectantium ad Provinciam Castellanam excepta ex Menologio Villagarcensi”.

Ainda falta dizer alguma palavra sobre o gênero deste tipo de narração historiográfica típica da historiografia jesuítica.

Nos séculos em que os Menológicos foram produzidos, a sociedade ainda se caracterizava por um ideal de comportamento marcadamente acentuado pela busca da santidade de vida, muito embora já se debatesse entre a tensão dos avanços do individualismo, entre uma secularização e uma percepção sacralizante da realidade. Neste contexto, não só as autoridades civis e religiosas, mas também a gente comum via nos santos modelos de comportamento a serem seguidos. Daí a exposição pública de suas vidas diante da sociedade com um gênero de literatura de tipo edificante, as *vidas exemplares*, nas quais o autor recolhia a biografia, segundo as normas da escritura da história de então, para o conhecimento e exemplo dos seus contemporâneos.

Naturalmente, como não poderia deixar de ser, à medida que os Menológicos iam se formando, a as biografias ou elogios fúnebres, enquanto narrações exemplares, iam tomando os contornos dos mecanismos culturais que pretendiam modelar idealmente os comportamentos e as práticas apostólicas dos jesuítas, especialmente daqueles em formação.

Estas narrações possibilitavam criar uma representação do corpo “individual” e, através deste, a formação do corpo comunitário da Companhia.

Pode-se dizer que, muito embora a maioria dos jesuítas celebrados nos Menológicos ainda não tivesse a aprovação oficial por parte da Igreja Universal (e, por vezes, nem mesmo daquela diocesana), a proposição destes sujeitos como “vidas exemplares” ia além da pura admiração e/ou devoção pessoal; histórica e culturalmente, eram uma representação do sujeito ideal para a Companhia, e porque não, também para a sociedade civil. Por este motivo, o conceito de vida exemplar se adequa com o passar dos tempos aos esquemas, valores e às formas como estes jesuítas deveriam ser percebidos como parte de um novo corpo social particular, desejado para toda a Companhia. Neste sentido, estas narrações de vidas exemplares aparecem como vidas que uma cultura propõe como modelo de comportamento, os quais representam, por sua vez, uma hierarquia de valores que a Companhia determinava como base de suas relações de individuais e comunitárias. Não por nada, os redatores destas coleções deveriam apresentar fatos certos e confiáveis, mas que também pudessem revelar como um jesuíta modelo deveria ser e se comportar como sujeito da Companhia de Jesus.

Uma análise do conteúdo das biografias dos Menológios poderia mostrar como a idéia de santidade (que tende a mudar com o passar dos tempos) se conformaria ou não com a escritura desta santidade.

O que fica certo, porém, é que o gênero das vidas exemplares fixado na narrações dos Menológios não deixa de ser uma forma de escrever a história e que esta forma de escrevê-la tem para o seu momento de produção um sustento argumentativo diferente daquele normalmente usado para outros gêneros, tradicionalmente considerados como “históricos”, tal como podem ser o das crônicas.

Além disto, nos parece que a narração biográfica dos Menológios ajuda a perceber a consciência própria da Companhia na articulação e na representação do modelo ideal/exemplar da vida do jesuíta.

A ordem dos gerais era para que os fatos narrados não fossem fictícios, mas comprovados com documentos e testemunhos, a partir de uma rigorosa investigação. E isto, por si só, significava que uma biografia, onde se apresentava a fama de virtude exemplar de um jesuíta, era histórica porque estava inserida dentro de um cenário real, com acontecimentos reais; mais ainda, estas narrações se destinavam a instruir e construir outros jesuítas a partir de modelos que se apresentavam como verdadeiros comportamentos. De consequência, o autor das biografias ao julgar o caráter e a fama de santidade do jesuíta na rigorosa seleção de informações que coletava devia ampara-se com a maior quantidade e melhor qualidade possível de documentos, pois assim automaticamente reafirmava a veracidade da exemplaridade que estava propondo na sua narração.

Finalmente, ao propor uma vida como exemplar, o autor deveria buscar argumentos que mostrassem como os fatos se subordinavam aos valores vividos, de modo que a moralidade de suas vidas exemplares pudessem servir de lição para as gerações de jesuítas que estavam por vir.

Bibliografia

ARSI, Bras. 13: *Menologio dos Varoens Ilustres da Companhia de Jesu. Vol. 1, que comprehende os mezes de Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho. Pertence à Prov. do Brazil*

ARSI, Bras.14: *Menologio dos Varoens Ilustres da Companhia de Jesu. Vol. 2, que comprehende os mezes de Julho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro. Pertence à Prov. do Brazil.*

BNL, Fud. Ger., cód. 4283: *Catálogo de alguns mártires e outros varõe ilustres da Companhia de Jesus, o qual depois da Sagrada Escritura à primeira mesa, e acabado o Martirológio à segunda, excepto se for grande, que então se lerá como à primeira, se lê na casa Professa de Roma.*

BORJA GÓMEZ, Jaime Humberto, “Historiografía y hagiografía: vidas ejemplares y escritura de la historia en el Nuevo Reino de Granada”, in *Fronteras de la Historia* 12 (2007): 53-78.

BOTTEREAU, Georges, “Ménéloges”, in *Dictionnaire de Spiritualité, ascétique et mystique, doctrine et histoire...* t. X. Paris : Beauchesne, 1980, cols. 1024-1027.

CASANI, José, *Glorias del Segundo Siglo de la Compañía de Jesús, dibujadas en las Vidas, y Elogios de algunos de sus Varones Ilustres en virtud, letras, y celo de las almas, que han florecido desde el año 1640, primero del segundo siglo, después de la Religión.* 2 vols. Madrid : Manuel Fernandez, 1734-1763.

“Catalogo de Algunos Martyres, y otros varones insignes em santidad de la Compania de Jesus; el qual despues del Martirológio segun el ordem de los dias se lee em el Refitorio de la casa Professa de Roma”, in *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*, ano XVI (1902): 233-235.

DELEHAYE, H., *L'oeuvre des Bollandistes à travers trois siècles, 1615-1915.* Bruxelles : Société des Bollandistes, 1959.

DREWS, Joannis, *Fasti Societatis Jesu: res & personas memorabiles ejusdem Societatis per singulos anni dies repraesentates / opera & studio Reverendi P. Joannis Drews.* 2 vols. Operis posthumi. Praegae : Typis Universitatis Carolo, 1740. Jean Drews, nasceu em 1646 e morreu em 1710.

FEJÉR, Josephus, *Defuncti secundi saeculi Societatis Jesu, 1641-1740.* Vols. I-V. IHSI/Cúria SJ: Romae, 1985-1990.

FRANCO, António, *Synopsis annalium Societatis Jesu in Lusitania, ab anno 1540 usque ad annum 1725.* Augustae-Vindelicorum et Graecii; sumptibus Philoppi, Martini & Joannis Veith, Haeredum, 1726.

_____, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal*, II tomos, Evora: no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus: Officina da Universidade, 1718-1719.

_____, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesu na Corte de Lisboa.* 2 vols., Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu. 1718.

_____, *Annus Gloriosus Societatis Jesu in Lusitania.* Viennae, 1720.

_____, *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal.* Pref. e anot. Francisco Rodrigues. Pôrto: Apostolado da Imprensa, 1930.

KOCH, Ludwig, *Jesuitem-Lexikon. Die Gesellschaft Jesu einst und jetzt*. Paderborn: Bonifacius-Druckerei GMBH., 1934.

LONGHAYE, G., "Quelques observations à propos du Ménologe", *Lettres de Jersey*, ano XXVI (1907): 118-134.

Menologio ovvero pie memorie di alcuni religiosi della Compagnia di Gesu. Roma: (Litografia del Coll. Romano), 1840.

Memoria del beato fine di alcuni Padri e Fratelli della Compagnia di Giesù, illustri per fama di santità, 1741.

NIEREMBERG Y OTIN, Juan Eusebio – Andrade, Alonso de, *Varones ilustres en santidad, letras y zelo de las almas de la Compañía de Jesús*. 6 toms., Madrid: por Joseph Fernandez de Buendia, 1644-1667.

_____, *Ideas de virtud em algunos claros varones de la Compañía de Iesu...* Madrid: por Maria de Quiñones, 1643.

O'NEIL, Charles - DOMINGUEZ, Joaquim Maria [dir.], *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús. Biográfico-Temático*. 4 vols. , Rom-Madrid: IHSI-Comillas, 2001.

PATRIGNANI, Giuseppe Antonio, *Menologio di pie memorie d'alcuni Religiosi della Compagnia di Gesù*, 3 toms., Venezia: presso N. Pezzana, 1730. Outra edição: Patrignani, Giuseppe Antonio - Boero, Giuseppe, *Menologio di pie memorie d'alcuni religiosi della Compagnia di Gesù che fiorirono in virtù e santità, raccolte dal 1538 al 1728*. 2 vols., Roma: Civiltà Cattolica, 1859. Mas já em 1720, publicara a *Vite d'alcuni nobili convittori Stati, e morti nel Seminario Romano, segnalati in bonta...* Napoli : [s.n.], 1720.

SOMMERVOGEL, Carlos, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*. Por Augustin de Backer, Aloys de Backer, co-autor Auguste Carayon, Carlos Sommervogel, ed. lit. Pierre Biliard, Ernest Marie Rivière. 12 vols., Bruxelles-Paris: Oscar Schepens-Alphonse Picard, 1890-1932.

TERRIEN, J., "Recherches historiques sur le Ménologe dans la CJ", in É. de Guilhermy, *Ménologe*, 14:3-44.